

LITERATURA INFANTIL: VALORIZANDO A CULTURA AFRO-BRASILEIRA

Marcielle Neres de Jesus

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia

Dinalva de Jesus Santana Macêdo

Universidade do Estado da Bahia /UESB/PPGED

Resumo: Este texto propõe reflexões a partir do projeto extensionista Alfabetização e Letramento Étnico-Racial: valorizando a cultura afro-brasileira, que busca propiciar espaços de aprendizagens, com o intento de ajudar na construção da identidade da criança negra. Nessa perspectiva, construir a imagem positiva dos negros e negras na escola e na sociedade, perpassa pela desconstrução da concepção literária universal, que tem contribuído ao longo dos séculos para a deslegitimação e inferiorização de identidades dos sujeitos socioculturais que foram por muito tempo invisibilizados e subalternizados. Nesse sentido, os currículos das instituições de ensino precisam ser constantemente interrogados, questionando sobretudo as representações produzidas e materializadas no espaço escolar, uma vez que essas representações refletem na construção das identidades dos alunos. Dessa forma, por meio da contação de história buscou-se trazer para a escola, outros olhares, sob outras abordagens de histórias e culturas. Nesse prisma, o desenvolvimento do projeto reforça a necessidade e a possibilidade da integração de temáticas étnico-raciais no cotidiano escolar desde a Educação Infantil, de forma integrada ao ensino, apontando caminhos para a descolonização dos currículos e das práticas educativas, a partir da contação de histórias, com a adoção da literatura afro-brasileira.

Palavras chave: Diferença. Identidade. Literatura afro-brasileira.

Introdução

A presença dos negros na literatura brasileira é marcada por representações pejorativas, construídas a partir de olhares coloniais, que propagam sua existência, a partir de características subalternas, cristalizadas na história oficial. Dessa forma, se configura a pouca participação de personagens negros na literatura. Em contraste a isso, a sua presença no espaço literário se desenvolve por meio de papéis associados a negatividade e inferiorização, ao mesmo tempo que reafirmam a superioridade branca.

Enquanto personagem, o negro ocupa um lugar menor na literatura brasileira. Na prosa, é um lugar muitas vezes inexpressivo, quase sempre de coadjuvante ou, mais acentuadamente no caso dos homens, de vilão. E isto desde os começos da produção letrada no país (DUARTE, 2013, p. 147).

Nesse ínterim, em meados do século XVIII surge a literatura infantil. No Brasil Monteiro Lobato é considerado um dos primeiros autores de obras infantis. Todavia suas

histórias, principalmente ao tratar da personagem tia Nastácia, atribui ao negro caracterizações estereotipadas, ridicularizando seus traços, além de designá-los a espaços marginalizados socialmente. Assim, seus acervos não devem ser descartados, mas revisitados sobre um viés crítico, analisando todo o contexto em que foram construídos.

Por essas e outras questões, a literatura infantil, que é majoritariamente branca, tem sido questionada pelos grupos que não se reconhecem nas histórias universalistas transmitidas por ela no decorrer dos anos, destacando aqui, os sujeitos negros e negras, que passaram a ocupar espaços e atuarem como autores das suas próprias vivências, antes contada pelas vertentes do sistema colonial.

A negação por meio da ficção é explícita em obras de diversos autores, que insistem em construir imagens dos negros no Brasil, como pertencentes a um passado de escravização.

Entretanto, com bem menos visibilidade, existe, no interior mesmo da literatura brasileira, uma gama de produções que vêm se afirmando, aos poucos, como um discurso diferenciado ao compor personagens negras e seus enredos. Discurso que subverte não só o sistema literário brasileiro, mas também contesta a história brasileira que prima em ignorar eventos relativos à trajetória dos africanos e seus descendentes no Brasil (EVARISTO, 2009, p.24).

Os afro-brasileiros têm buscado formas de resistências por meio da linguagem, a partir de uma escrita que expresse suas experiências culturais, sociais e políticas, e além disso, demarque suas existências. Conforme Conceição Evaristo (2009, p.27),

Afirmando um contra-discurso à literatura produzida pela cultura hegemônica, os textos afro-brasileiros surgem pautados pela vivência de sujeitos negros/as na sociedade brasileira e trazendo experiências diversificadas, desde o conteúdo até os modos de utilização da língua.

A presença de autorias negras na escrita literária, subverte as normas tradicionalistas que a permeiam. A produção da literatura afro-brasileira emerge das favelas, do campo, do quilombo, das ruas, de vários lugares, impossíveis de serem reconhecidos pela sociedade, bem com, pela literatura eurocentrada brasileira. Desse modo, “a literatura brasileira é repleta de escritores afro-brasileiros que, no entanto, por vários motivos, permanecem desconhecidos, inclusive nos compêndios escolares” (EVARISTO, 2009, p. 27).

A partir dessa reflexão proporcionada pela saudosa Conceição Evaristo, dar-se-á sequência as discussões neste texto, pensando a literatura afro-brasileira no espaço escolar e

sua contribuição para a construção da identidade da criança negra, tendo em vista que as representações dentro desse espaço exercem forte influência nas vivências de seus educandos, uma vez que internalizam os conhecimentos, comportamentos, imagens e culturas transmitidas pela escola. Portanto, quem está sendo representado pela literatura trabalhada na escola? Qual o lugar da literatura afro-brasileira nesse espaço?

A concepção literária hegemônica, presente diariamente na contação de história e nas aulas de professores e professoras, impedem que crianças negras, assim como jovens e adolescentes também negros, relacionem suas culturas e vivências com as temáticas trabalhadas a partir de reis e rainhas, heróis e heroínas, todos majoritariamente brancos, enquanto os negros são apresentados como bandidos, bruxos, mendigos, dentre outros estereótipos. Fatos como esses dificultam o processo de autorreconhecimento, e permitem que o ideal de identidade universal continue sendo imposto, por meio das instituições de ensino, que legitimam culturas.

Tomaz Tadeu da Silva define a identidade como “...uma construção, um efeito, um processo de produção, uma relação, um ato performativo (SILVA, 2014, p.96). As identidades estão em construção e perpassam por âmbitos socioculturais e políticos. De acordo com Hall (2019), a identidade universal está em declínio e novas identidades vão emergindo a partir de diferentes grupos sociais. Entretanto, a identidade universalizada está em constante disputa com as identidades emergentes, principalmente em espaços em que as relações de poder são reproduzidas constantemente.

Nesse sentido, a escola exerce um papel fundamental. É preciso que sejam desenvolvidas por meio da prática do professor métodos de ensino que contemplem as subjetividades na sala de aula.

A vulnerabilidade da identidade das crianças de 4 e 5 anos nas turmas do grupo infantil e as lacunas notórias na formação das professoras têm contribuído para o fortalecimento, a permanência e/ou o silenciamento da prática do preconceito e da discriminação racial, no chão da sala de aula (SOUZA, 2017, p.12).

Nesse prisma, os processos de lutas e resistências de negras e negros em torno do reconhecimento, perpassa pela presença dos negros na literatura, em que esses tenham liberdade para escolherem quais papéis sociais devem desenvolver, tanto dentro, como fora da ficção, performando as construções estereotipadas.

Todavia, no âmbito escolar, a não aceitação da existência de literaturas negras ou afro-brasileiras contribui para a invisibilidade de estudantes negros, aumentando nesse espaço práticas discriminatórias, que muitas vezes acabam sendo justificadas e negligenciadas no interior desse espaço, em que muitos presenciam, e compactuam com essas práticas, a medida, que as ignoram. Conforme Arroyo (2010, p.119),

A escola tem sido e continua sendo extremamente reguladora dos diferentes, dos povos e coletivos social e culturalmente marginalizados. A estrutura do sistema tem estado a serviço da regulação desses coletivos. Neste quadro o diálogo não será fácil. Será tenso e marcado por fortes resistências a renunciar a esse papel regulador e assumir um papel emancipatório.

Para além dos livros voltados para as disciplinas específicas, como as de história, sendo esse um dos livros que mais representam a figura dos negros, principalmente em datas fixadas e relacionada ao período colonial, os poucos livros que trazem a história dos africanos e seus descendentes, desconstruindo a história oficial, permanecem nas prateleiras das bibliotecas praticamente sem uso.

Se contrapondo, aos discursos hegemônicos, as literaturas afro-brasileiras devolvem aos negros a condição de sujeitos, que não foram escritas nas páginas da literatura eurocentrada. “Esse corpus se constituiria como uma produção escrita marcada por uma subjetividade construída, experimentada, vivenciada a partir da condição de homens negros e de mulheres negras na sociedade brasileira” (EVARISTO, 2009, p.17).

Nessa perspectiva, o projeto **Alfabetização e Letramento Étnico-Racial: valorizando a cultura afro-brasileira**¹ tem como objetivo desenvolver através da contação de história atividades que proporcionem aos estudantes, desde a Educação Infantil a valorização da cultura afro-brasileira, por meio de histórias protagonizadas e escritas por autores e autoras negras.

Diante disso, este texto busca relatar experiências durante o ano de 2019, no curso de Pedagogia, como bolsista de extensão do supracitado projeto, na Escola Municipal Vereador João Farias Cotrim de Guanambi-Ba, com estudantes da Educação Infantil e dos primeiros anos do Ensino Fundamental.

¹ Este projeto de extensão é coordenado pela professora Dra. Dinalva Jesus Santana Macêdo e está vinculado ao Núcleo de Estudo, Pesquisa e Extensão Educacional Paulo Freire (NEPE) da Universidade do Estado da Bahia, Campus XII de Guanambi. No momento, devido à pandemia provocada pelo Covid 19 que estamos vivendo, o referido projeto se encontra parado.

Contaçon de história: caminhos para o reconhecimento e valorização da identidade afro-brasileira

A leitura é uma forma de dar asas à imaginação, é conhecer o mundo, culturas e povos diferentes, é se identificar na história lida, refletindo e relacionando-a com a realidade sociocultural.

De acordo com a lei 10.639/03 é obrigatório o ensino da história e cultura africana e afro-brasileira em todas as redes de ensino. No entanto, essa obrigatoriedade não tem sido suficiente para que temáticas relacionadas a cultura afro-brasileira e africana ganhem destaque dentro dos espaços escolares. Tem se um ensino centrado no eurocentrismo com padrões predeterminados.

Dessa forma, é preciso que os professores direcionem suas aulas situando-as no cotidiano do estudante, com temas diversos que remetam ao seu espaço cultural e social. Conforme salienta Oliveira (2017, p. 3),

[...] faz-se necessário o entendimento dos professores sobre questões raciais, para que possam planejar suas aulas visando desenvolver propostas de atividades que fomentem discussões, e assim, possam discutir sobre direitos de igualdade, respeito às diferenças e contribuir para o (re)conhecimento identitário de seus alunos.

A literatura afro-brasileira nesse contexto, possui significações positivas, por meio das quais os alunos vivenciam processos de inclusão das suas identidades dentro de um conjunto, marcado pela exclusão e subalternização da identidade negra, como acontece em muitas instituições de ensino.

Observando a escassez de discussões relacionadas às temáticas étnico-raciais nas salas de aulas, onde os estudantes passam metade do tempo ou tempo integral, a iniciativa do projeto trouxe contribuições significativas. De acordo relatos de professores e alunos, esses últimos aguardavam ansiosamente a sua vez de participarem das contações de histórias e demais atividades relacionadas ao projeto.

O primeiro livro utilizado para a contaçon de história foi “Betina”, da escritora Nilma Lino Gomes, que proporcionou reflexões referente ao corpo e cabelo. O livro narra a história de uma menina negra, que adorava as tranças que a avó fazia em seus cabelos. E então passou a aprender a trançar com a avó e quando adulta abriu um salão de beleza, que valorizava a

estética negra. As tranças de Betina, eram passadas de geração em geração e representavam a sua identidade.

Dessa maneira, Betina simboliza a imagem positiva da criança negra. “[...] em Betina, as experiências cotidianas podem ser consideradas elementos que confrontam o modo como a menina negra vem constantemente sendo representada” (Almeida, 2019, p.3). Durante a contextualização da história, muitas crianças se identificaram, algumas relataram que as mães também trançam seus cabelos e que conhecem pessoas que usam tranças, assim como as de Betina.

Após as discussões, foi apresentada aos estudantes a bonequinha abayomi, que significa encontro precioso e realizada com eles uma oficina para aprenderem a confeccionar a boneca, promovendo assim, uma aproximação e desconstrução de imagens negativas sobre a cultura africana.

O livro “A Menina Bonita do laço de Fita”, de Ana Maria Machado, é um dos mais conhecidos e utilizados no ambiente escolar, quando se pensa em literatura afro-brasileira, no entanto deve se considerar as características e termos de estereotipação das pessoas negras, que podem ser identificados em diversos trechos dessa história. Por conseguinte, estando o livro listado como uma das obras infantis a ser trabalhada no decorrer do projeto, optou-se por mantê-la, porém refletindo-a história sobre outros vieses, principalmente com reflexões voltadas para o desmonte de trechos que contribuem para a negação de negros e negras em contraposição a outros fragmentos que aparecem positivando a imagem da criança negra.

Dessa forma a partir do livro “A menina Bonita do Laço de Fita”, desenvolveu-se reflexões críticas acerca da família e da estética negra, enfatizando a importância em saber que detrás de traços, como o cabelo e a cor da pele existe a ancestralidade. A atividade proposta por meio do registro das famílias diversas, propiciou as crianças e adolescentes a estabelecerem uma relação entre a sua aparência e aparência de seus familiares, identificando sua ancestralidade e a importância do autorreconhecimento.

A história “O Cabelo de Lelê”, de Valéria Belém, refere-se a uma menina que possui dificuldades para aceitar e assumir seus cabelos, passando a gostar deles quando descobre a sua origem.

Assim como Lelê muitas pessoas possuem restrições referentes ao seu cabelo, por não entenderem o real significado por traz de cada fio. No decorrer das discussões uma criança disse que não gostou do cabelo de Lelê por conta do volume. Fato que ficou explícito durante

uma dinâmica realizada com um espelho, na qual os educandos deveriam se olhar, falar suas características físicas e se gostavam do que viam.

O cabelo é um dos principais elementos de afirmação de identidade da população negra e é, também, o símbolo representativo do desafio enfrentado pelos sujeitos num espaço em que ainda prevalecem os padrões de beleza europeus. O ato de ir a um salão de beleza nos leva a ver que o afrodescendente busca não só uma mudança estética. Junto a isso, existe – consciente ou inconscientemente – a tentativa de recuperação de sua autoestima, além da construção e reafirmação de sua subjetividade e identidade negra frente a uma sociedade que o subjuga (PEREIRA, 2019, p. 2).

No decorrer da dinâmica algumas crianças negras identificaram a cor da sua pele com a cor preta e seu cabelo crespo, no entanto outras tiveram dificuldades para expressar quem eram, e as demais apresentaram a sua imagem de forma negativa, relatando não gostar do seu cabelo, por achar “ruim”, e “de bombril”. Essas falas são reflexos da herança europeia que manipula e predomina até os dias de hoje na sociedade, fazendo com que exista cabelo ruim e cabelo bom. Sendo o cabelo liso, o bom e aceitável. Nesse sentido, Gomes (2005, p.43) destaca que “construir uma identidade negra positiva em uma sociedade que, historicamente, ensina aos negros, desde muito cedo, que para ser aceito é preciso negar-se a si mesmo é um desafio enfrentado pelos negros e pelas negras brasileiros(as)”.

Em outra dinâmica realizada com pirulitos, para trabalhar a afetividade e o respeito as diferenças, que consistia em que cada criança pegasse um pirulito e entregasse ao colega do lado, dando-lhe um abraço, pode-se perceber que as crianças da Educação Infantil possuem mais facilidade para abraçarem uns aos outros, do que os educandos do 4º e 5º anos do ensino fundamental, que resistiram em realizar esse ato de carinho para com o outro, o que mostra a importância em se trabalhar a afetividade dentro da sala de aula desde as classes iniciais, facilitando assim, a interação entre os estudantes seja por meios de gestos expressivos ou pela oralidade.

Ao serem indagados sobre o que já ouviram sobre a África, as falas se basearam em fome e miséria. Porém o livro “A África de Dona Biá” de autoria de Fábio Gonçalves Ferreira levou os educandos para o continente africano, apresentando-os um continente diferente daquele que se encontra no livro didático, uma África rica em conhecimentos, saberes, culturas e tradições. “Todavia, o peso das representações coloniais sobre a África marcou e marca ainda o imaginário de muitos sobre o continente” (MENESES, 2010, p. 65).

As crianças foram organizadas em círculos e antes de iniciar a contação, realizou-se algumas perguntas, para que elas expusessem sua visão sobre o continente africano. Após ouvi-las, a leitura foi realizada e logo depois foram lançados os questionamentos anteriores novamente, no entanto os alunos e alunas já não tinham certeza das respostas, antes ditas com convicção.

As reflexões em conjunto construíram naquele momento, uma nova visão sobre a África, desconstruindo ideias e conceitos associados ao negativismo. Mas para que essa visão positiva permaneça, é necessário que os processos de desconstrução e construção transcorram diariamente.

Finalizando as atividades relacionadas ao livro “A África de Dona Biá”, por meio da confecção de máscaras africanas, os alunos puderam conhecer um pouco a arte e religião africana.

A história “Meninas Negras” de Madu Costa e Rubem Filho, foi apresentada em forma de vídeo. Esse livro, de forma rápida, descreve três meninas (Mariana, Dandara e Luanda) contemplando suas belezas, seus sonhos e imaginações, meninas negras orgulhosas das suas origens, da sua cor, em busca de objetivos.

No auditório da escola, essas meninas ganharam forma pelas mãos dos educandos. Livres para representarem, as crianças trouxeram características diversas das meninas, destacando o fato de que todas eram negras, mas diferentes entre si. Ao descrever as meninas negras, cada uma com suas singularidades, a autora possibilita a quebra da homogeneização em que são colocadas as pessoas negras.

Além da contação de história, e das dinâmicas, realizava-se ao final das atividades um jogral problematizando e valorizando as diferenças.

Portanto, foram utilizados 05 livros para a contação de história, Betina, menina bonita de laço de fita, o cabelo de Lelê, a África de Dona Biá e Meninas Negras. Todas as discussões visaram a valorização da estética negra, entendendo a identidade como um processo político e cultural, que envolve relações de poder, que devem ser analisadas e interrogadas para o reconhecimento, do outro, que se expressa por meio de identidades descentradas. “O outro é o outro gênero, o outro é a cor diferente, o outro é a outra sexualidade, o outro é a outra raça, o outro é a outra nacionalidade, o outro é o corpo diferente” (SILVA, 2014, p. 97).

Segundo Gomes (2006, p. 47) “a escola pode atuar tanto na reprodução de estereótipos sobre o negro, o corpo e o cabelo, quanto na superação dos mesmos”. Assumir a identidade é

de suma importância para romper as barreiras do racismo institucionalizado, que sobrepõe pessoas, classes e culturas.

Ao trabalhar com histórias de autores e autoras negras de maneira lúdica com as crianças e adolescentes, duas vezes na semana, durante um semestre, os estudantes puderam refletir e desconstruir estereótipos sobre a África e os afro-brasileiros presentes nos livros didáticos e nas práticas educativas. Nesse sentido, é importante destacar que

O espaço da escola é o lugar por excelência de transformação dessas práticas e representações. O livro didático e a literatura infanto-juvenil seriam instrumentos centrais de problematização e transformação dessas percepções e atitudes” (PEREIRA, 2016, p. 437).

Alinhado ao currículo, o calendário escolar, apresenta datas comemorativas que marcaram a história no decorrer dos anos. Sobre isso, cabe destacar o dia da consciência negra comemorado em muitas escolas, que reservam essa data para destacarem a existência dos negros na história. No entanto, os negros continuam ocupando espaços marginalizados e exóticos nas literaturas utilizadas pelas escolas.

Para além de uma data comemorativa, existem as lutas diárias de pessoas negras que buscam por melhorias na sociedade. Que possuem suas existências atravessadas pelo racismo, em suas variadas formas. E mesmo assim, são isoladas em função da exaltação de línguas e culturas europeias nas salas de aula, que são propagadas também pela literatura, reforçando quais lugares os negros devem ocupar na sociedade. Como destaca Frantz Fanon (2008), que os negros assujeitados desenvolvem aos poucos o complexo de inferioridade, passando a se comportar e a falar como os brancos em busca de aceitação, no entanto continuam sendo rejeitados, pois a cor da pele fala por si e sobressai em meio a quaisquer características.

Essas questões nos levam a questionamentos ainda maiores, que precisam ser consideradas quando se pensa em uma educação para as relações étnico-raciais. Uma educação voltada para a valorização e reconhecimento das culturas, das formas de viver e dos saberes africanos e afro-brasileiros, questionando a identidade produzida e fixada nos espaços escolares. As Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana enfatizam que “a luta pela superação do racismo e da discriminação racial é, pois, tarefa de todo e qualquer educador, independentemente do seu pertencimento étnico-racial, crença religiosa ou posição política” (2004, p.16).

Dessa forma é preciso investir na formação inicial e continuada para a educação das relações étnico-raciais, de maneira que as práticas educativas questionem os espaços de segregação e exclusão existentes na escola e na sociedade. Trabalhar com base nas diferenças é um caminho possível para a transgressão das normatividades sociais, que se reproduzem pelos currículos escolares.

Uma política pedagógica e curricular da identidade e da diferença tem a obrigação de ir além das benevolentes declarações de boa vontade para com a diferença. Ela tem que colocar no seu centro uma teoria que permita não simplesmente reconhecer e celebrar a diferença e a identidade, mas questioná-las (SILVA, 2014, p. 100).

A sociedade é atravessada pelas diferenças, e relações de poder, dessa forma é preciso que desde cedo seja trabalhado na escola o auto reconhecimento das crianças de si e do outro, propondo atividades que valorizem a autoestima da criança negra, desconstruindo conceitos criados socialmente desde o período colonial, que desvalorizam as formas de viver, e de se expressar dos negros. Nesse sentido, é urgente uma educação intercultural crítica e antirracista que permita ecoar as vozes silenciadas dentro dos espaços escolares.

Existem várias práticas que podem ser desenvolvidas pelos professores, desde a Educação Infantil, para trabalhar a autoestima da criança, principalmente das crianças negras. Destacando assim, a literatura infanto-juvenil voltada para temáticas étnico-raciais, com protagonistas negros. Diferente da literatura comumente trabalhada, em que os negros estão sempre ocupando lugares inferiorizados, a literatura afro-brasileira propicia as crianças negras positivarem as suas identidades, a partir das suas origens e histórias. Nas palavras de Souza (2017, p.42),

Uma educação que não esteja atenta a estas questões expõe as crianças à construção de baixa autoestima, no espaço da sala de aula, pois não acolhe as diferenças, mas, sim, impõe uma supervalorização de um grupo étnico em detrimento de outro.

Nessa perspectiva, considerado a escola pública como um espaço ocupado majoritariamente por crianças negras, é essencial que a construção identitária dessas crianças sejam trabalhadas de forma significativa, partindo de elementos que contribuam com a sua autoestima e as reconheçam como sujeitos sociais.

Conforme a concepção de Woodward (2014, p. 56),

Quaisquer que sejam os conjuntos de significados construídos pelos discursos, eles só podem ser eficazes se eles nos recrutam como sujeitos. Os sujeitos são, assim, sujeitados ao discurso e devem, eles próprios, assumi-lo como indivíduos que, dessa forma, se posicionam a si próprios. As posições que assumimos e com as quais nos identificamos constituem nossas identidades.

Logo, a relevância em se trabalhar com as questões étnico-raciais se manifesta à medida em que a criança negra passa a entender que por trás da sua cor preta e do seu cabelo crespo, existe a ancestralidade de um povo com características próprias, das quais ela deve se orgulhar e a criança não negra em contato com as culturas afro-brasileiras e africanas, poderá desconstruir estereótipos, acolher o outro em suas diferenças e valorizar as culturas afrocentradas.

Partindo dessa premissa, os resultados a partir do projeto “Alfabetização e Letramento Étnico-Racial: valorizando a cultura afro-brasileira”, apontam para a necessidade e a possibilidade da integração de temáticas étnico-raciais no cotidiano escolar, desde a Educação Infantil, de forma integrada ao ensino, apontando caminhos para a descolonização dos currículos a partir da iniciativa dos professores por meio da sua prática docente, sobretudo no momento da contação de histórias, com a adoção de livros da literatura afro-brasileira.

Considerações

As diferenças se manifestam na sociedade em várias esferas e precisam ser reconhecidas e refletidas criticamente, principalmente no âmbito escolar, tendo em vista que esse é um espaço em que ela se revela de forma intensificada.

Nesse cenário, no qual o racismo está enraizado, a escola tem representado para muitos o aprisionamento das suas culturas, ideais e valores. Assim sendo, as concepções essencialistas reproduzidas por esse espaço, tem causado problemas identitários nas crianças. Entretanto de acordo com Gomes (2010, p. 102),

A escola brasileira ao ser indagada pelo Movimento Negro pela implementação de uma educação anti-racista vive uma situação de tensão entre configura-se, de fato, como um direito social para todos e, ao mesmo tempo, respeitar e reconhecer as diferenças.

A formação continuada é imprescindível para que as temáticas étnico-raciais, adentrem a sala de aula e estejam correlacionadas as vivências dos educandos. As crianças

negras precisam se sentir representadas na fala do professor, na atividade realizada, no livro didático e na literatura.

Nessa perspectiva, o projeto reforçou a urgência de temáticas que valorizem autoestima dentro da escola. Por meio das trocas de experiências e aprendizagens, percebeu-se que alguns dos educandos, principalmente os estudantes negros maiores possuem uma baixa autoestima em relação a aparência. Fatos que podem ser associados as representações hegemônicas, instauradas em muitas instituições educacionais, que invisibilizam e reprimem as diferenças. Nesse sentido, as diferenças são apresentadas como produções de desigualdades.

No transcorrer da realização das atividades, notou-se que os estudantes ficavam ansiosos aguardando o dia da contação de história. Durante as rodas todos ouviam de forma atenta e participavam das atividades propostas. As professoras regentes da escola também demonstram satisfação com o projeto.

Embora seja responsabilidade dos professores contemplarem no planejamento de ensino a valorização da cultura africana e afro-brasileira, sabe-se da precariedade, quando se remete a essa temática na sala de aula. Assim sendo, este projeto constitui uma iniciativa positiva para que as questões étnicas-raciais ganhem visibilidade na escola.

Portanto, os livros de histórias foram trabalhados com ênfase na autoestima da criança negra e na desconstrução de imagens negativas associadas ao continente africano, corroborando deste modo, com as identidades emergentes consideradas negativas nos espaços escolares, em detrimento da exaltação e normalização de identidades que se constroem pelas relações de poder hierárquicas.

Sem encerrar o debate em torno da literatura afro-brasileira, finalizam-se as discussões apresentadas neste relato, com as palavras de Conceição Evaristo. Dessa forma, segundo a autora,

Amplia-se então um discurso negro, orientado por uma postura ideológica que levará a uma produção literária marcada por uma fala enfática, denunciadora da condição do negro no Brasil e igualmente afirmativa do mundo e das coisas culturais africanas e afro-brasileiras, o que a diferencia de um discurso produzido nas décadas anteriores, carregados de lamentos, mágoa e impotência (EVARISTO, 2009, p. 25)

Assim, a literatura afro-brasileira é construída por sujeitos, que vivenciam no interior dos seus grupos sociais, formas de resistências às marginalidades, as quais foram submetidas, desestabilizando identidades unificadas.

Referências

ALMEIDA, Dalva Martins de. **Olhares sobre Betina**. Literafro, jan, 2019.

ARROYO, Miguel González. A pedagogia multirracial popular e o sistema escolar. **Um olhar além das fronteiras: educação e relações raciais**. Belo Horizonte: Autêntica, p. 111-130, 2010.

BELÉM, Valéria. O cabelo de Lelê. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2007.

BRASIL, Ministério da Educação, Conselho Nacional de Educação. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana**. Parecer Nº CNE/CP 003/2004.

BRASIL. **Lei nº. 10.639, de 9 de janeiro de 2003**. Disponível em:< http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/L10.639.htm >. Acesso em: 11 dezembro de 2019.

COSTA, Madu. **Meninas Negras**. Ilustrações Rubem Alves. Editora: Maza, 2006.

DUARTE, Eduardo de Assis. O negro na literatura brasileira. **Navegações**, v. 6, n. 2, p. 146-153, 2013.

EVARISTO, Conceição. Literatura negra: uma poética de nossa afro-brasilidade. **Scripta**. v.13, n.25, p. 17-31, 2009.

FERREIRA, Fabio Gonçalves. A África de Dona Biá. Belo Horizonte: Adic, 2010.

FRANTZ, Fanon. Pele negra, máscaras brancas. Salvador: EdUfba, 2008.

GOMES, Nilma Lino. **Betina**. Ilustrações de Denise Nascimento. Belo Horizonte: Mazza, 2009.

GOMES, Nilma Lino et al. Alguns termos e conceitos presentes no debate sobre relações raciais no Brasil: uma breve discussão. **Educação anti-racista: caminhos abertos pela Lei Federal**, v. 10639, n. 03, 2005.

GOMES, Nilma Lino. Diversidade étnico-racial e educação no contexto brasileiro: algumas reflexões. **Um olhar além das fronteiras: educação e relações raciais**. Belo Horizonte: Autêntica, p. 97-109, 2010.

GOMES, Nilma Lino. Trajetórias escolares, corpo negro e cabelo crespo: reprodução de estereótipos ou ressignificação cultural?. Set/Out/Nov/Dez 2002 Nº 21.

HAAL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução Tomaz Tadeu da Silva e Guaciara Lopes Louro. 12. Ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2019.

MACHADO, Ana Maria. Menina Bonita do Laço de Fita. Ilustração de Claudius. São Paulo: Ática, 2001.

MENESES, Maria Paula. Os espaços criados pelas palavras: racismos, etnicidades e o encontro colonial. **Um olhar além das fronteiras: educação e relações raciais**. Belo Horizonte: Autêntica, p. 55-76, 2010.

OLIVEIRA, Keila de et al. **Literatura Infantil e Letramento racial crítico: uma breve análise teórica**. 2017.

PEREIRA, Luena Nascimento Nunes. Literatura negra infanto-juvenil: discursos afro-brasileiros em construção. **Interseções: Revista de Estudos Interdisciplinares**, v. 18, n. 2, 2016.

PEREIRA, Rafaela. **Corpo, cabelo e identidade**. Literafro, jan, 2019.

SILVA, Tomaz Tadeu da et al. A produção social da identidade e da diferença. **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. 15. ed. Petrópolis: Vozes, p. 73-102, 2014.

SOUZA, Rogério Santos. **Diálogos Pedagógicos com Professoras(es) da Educação infantil**. Cachoeira – Bahia: LEHRB, 2017.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**, v. 15, p. 7-72, 2014.

SOBRE AS AUTORAS

Marciele Neres de Jesus

Mestranda do curso de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia-UESB/PPGED, membro do Grupo de Estudos Educação e Relações Étnico-Raciais: saberes e práticas afro-brasileiras e quilombolas do Território de Identidade do Sertão Produtivo, vinculado à linha Currículo, diversidade e formação docente do Núcleo de Estudo, Pesquisa e Extensão Educacional Paulo Freire (NEPE) da Universidade do Estado da Bahia – UNEB/Campus XII de Guanambi-Ba. Brasil. Bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). E-mail: marcieleneres@gmail.com

Dinalva de Jesus Santana Macêdo

Doutora em Educação e Contemporaneidade. Professora adjunta da Universidade do Estado da Bahia – UNEB. Professora do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – PPGED-UESB. Coordenadora do Grupo de Estudos

Educação e Relações Étnico-Raciais: saberes e práticas afro-brasileiras e quilombolas do Território de Identidade do Sertão Produtivo, vinculado à linha Currículo, diversidade e formação docente do Núcleo de Estudo, Pesquisa e Extensão Educacional Paulo Freire (NEPE) da Universidade do Estado da Bahia – UNEB/Campus XII de Guanambi Ba, Brasil.
E-mail: dinalvamacedo@hotmail.com